

A TRANSIÇÃO DA ESCOLA RURAL PARA A ESCOLA URBANA E SEUS REFLEXOS NO ENSINO DE MATEMÁTICA: UM CASO NA CIDADE DE LAGUNA CARAPÃ

Camila Benites da Silva

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

camilabenites.21@gmail.com

Irio Valdir Kichow

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

iriokichow@ufgd.edu.br

Resumo:

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento na cidade de Laguna Carapã cujo objetivo é analisar e refletir sobre os problemas e as dificuldades encontradas por alunos oriundos de escolas rurais, quando da transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental, bem como as expectativas e dificuldades relatadas pelos docentes que ministram aulas para esses alunos. Identificará quais os procedimentos didáticos presentes nessas duas realidades, e como são utilizados para ensinar matemática.

Palavras-chave: Ensino de Matemática; Escola Rural; Escola Urbana; Procedimentos Didáticos.

1. Introdução

A temática da pesquisa aqui apresentada possui inspiração na vivência da pesquisadora enquanto aluna que viveu a realidade da transição da escola rural para a escola urbana.

A escola rural na qual a pesquisadora vivenciou parte de sua escolaridade é aquela que apresenta características ímpares que se manifestam na existência das salas multisseriadas¹ e nos objetivos pedagógicos centrados numa escolarização com viés pragmático, em termos de conteúdos escolares, em detrimento de uma abordagem mais

¹ Salas de aula onde o professor ministra aulas para alunos de duas ou mais séries distintas que dividem o mesmo espaço físico durante um período de aula. Usamos aqui a terminologia *série* por ser a realidade da época em que a pesquisadora era aluna nos anos iniciais da Educação Básica.

propedêutica. Essa escola rural não é diferente daquela presente em grande parte nos rincões desse Brasil desde décadas do século passado. Nesse resgate histórico, Garnica (2006) nos contempla com uma breve descrição do cotidiano pedagógico dessa realidade nos anos 50 ao registrar que:

Devido à estrutura física da escola, os professores acabavam por utilizar várias táticas visando a superar o “problema” da multisseriação. Dividiam a sala em fileiras por séries, a lousa era também dividida em uma parte para cada turma e, durante o tempo em que uma turma estava junto com o professor em atividades que utilizavam a lousa, as outras turmas faziam atividades já encaminhadas e que não necessitavam de muito apoio do professor. O trabalho com as salas multisseriadas constituiu uma das maiores dificuldades para os professores que, em geral, estavam iniciando sua carreira no magistério. Além desse trabalho com mais de uma série na sala, os professores também enfrentavam as diferenças individuais entre os alunos da mesma série, em especial com os alunos do primeiro ano.
(GARNICA, 2006, p. 37 e 38)

Minha vivência, algumas décadas depois do cenário descrito por Garnica (2006), não foi num espaço e realidade diferentes.

Dessa realidade já cristalizada no cotidiano da Educação Brasileira, fui, ao final dos anos iniciais do Ensino Fundamental, inserida em uma realidade diferente: Estudar numa escola urbana². Essa mudança provocou muitos questionamentos que retomo nos dias atuais na condição de pesquisadora ao participar do Programa de Projetos de Pesquisa na Licenciatura – PROLICEN. Apresentaremos desse modo, o trabalho em curso que discuti a realidade vivida pelo aluno que inicia seus estudos em escola rural e depois vê se na situação de dar continuidade na sua escolarização numa escola urbana.

2. Metodologia

Na condução dessa pesquisa estamos estudando sobre a passagem do quinto para sexto ano do ensino fundamental. Essa transição implica em novos e mais professores, mais disciplinas, e para alguns há também a mudança para outra escola com sistema diferente, considerando o fato que com o início da segunda etapa do Ensino Fundamental o aluno se depara com conteúdos mais complexos. No nosso caso essa mudança de unidade

² Assumimos aqui que *Escola Urbana* é aquela que não apresenta turmas multisseriadas e sua atuação, em termos de proposta pedagógica, privilegia a formação do aluno visando proporcionar ao mesmo condições para que este dê continuidade aos seus estudos de modo a concluir, se possível, um curso universitário ou equivalente.

escolar implica também em mudança do ambiente em que a escola está inserida: Antes a zona rural, agora a zona urbana. Buscamos, no decorrer da pesquisa, analisar como essas crianças lidam com essas mudanças e o quanto isso implica no processo ensino-aprendizagem em particular da Matemática.

Para isso estaremos utilizando como metodologia a entrevista com alunos que vivenciaram essa mudança e professores que atuam nesses dois tipos de escola. Essas entrevistas serão analisadas por meio da Análise Textual Discursiva como propõe Galiazzi & Moraes (2011). Tendo em vista que a pesquisa aqui apresentada é de teor qualitativo, e que a intenção é a compreensão e a reconstrução de conhecimentos existentes sobre o tema investigado, ela nos proporcionará descobertas e redescobertas ao longo desse estudo, o que é corroborado por Galiazzi & Moraes (2011) quando afirmam que:

A análise e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos. Insere-se entre os extremos da análise de conteúdos tradicional e a análise de discurso, representando um movimento interpretativo de caráter hermenêutico.

Galiazzi & Moraes (2011, p. 7)

A partir de entrevistas gravadas, a produção de material para análise está acontecendo pelo processo de transcrição, que produz o corpus da análise. Segundo Galiazzi & Moraes (2011)

Os textos que compõem o *corpus* da análise podem tanto ser produzidos especialmente para a pesquisa quanto podem ser documentos já existentes previamente. No primeiro grupo integram-se transcrições de entrevistas, registros de observações, depoimentos produzidos por escrito, assim como anotações e diários diversos. O segundo grupo pode ser construído de relatórios, publicações de variada natureza, tais como editoriais de jornais e revistas, resultados de avaliações, atas de diversos tipos, entre muitos outros.

Galiazzi & Moraes (2011, p. 7)

Assim, além das transcrições também serão utilizadas outras fontes documentais que estão se mostrando importantes na medida em que os alunos e professores foram entrevistados, como por exemplo, documentos de avaliação das escolas produzidos pelos gestores do sistema e que registram os desempenhos escolares desses alunos, bem como descrevem algumas dificuldades encontradas pelos mesmos.

3. Breve Contextualização

Levantamento preliminar *in loco* mostrou que são muitos os alunos que reprovam no sexto ano e que esse ano escolar também concentra um grande índice de evasão. Esse fato é agravado ao levar-se em consideração a rotina cansativa que o aluno residente na zona rural enfrenta para se deslocar até a escola urbana para dar continuidade aos estudos.

A História da Educação aponta que a educação escolar no início foi pensada como sendo para suprir as demandas urbanas, isso porque não se via necessidade de educar a sociedade rural bastando-lhe apenas a instrução básica. Somente a poucos anos o ensino foi democratizado, depois de muitas lutas. Hoje podemos dizer que houve muitos avanços no que diz respeito ao ensino nas áreas rurais. O que este estudo busca é pensar sobre o momento em que essas duas realidades se fundem. E é com essas inquietações que propomos este trabalho de reflexão sobre os efeitos dessas adversidades quanto ao aprendizado, tendo em vista que a escola é o lugar onde o saber/conhecimento é desenvolvido. Estaremos discutindo assim quais as implicações que esse contexto provoca no desenvolvimento e aprendizagem da Matemática nos alunos oriundos de escolas rurais.

Dos atores envolvidos nesse processo, especial importância possui a atuação do professor que é o mediador do conhecimento, segundo Mellouki & Gauthier (2004), “O papel do mestre é tornar o aluno o aprendiz de hoje, o cidadão de amanhã [...]”. Ainda, para o mesmo autor, o professor,

[...] Deve tornar melhores as crianças que estão sob sua responsabilidade: mais “cognoscentes”, de bem consigo mesmas e com os outros, dotadas dos conhecimentos e das qualidades necessários ao exercício de uma atividade profissional e à integração na sociedade.

Mellouki & Gauthier (2004, p. 566)

Assim pensando a formação desses professores, nos apoiaremos em referenciais teóricos que busquem refletir as dificuldades no ensino de matemática, que é tratado por Chevallard (2001) no livro *Estudar matemáticas: O elo perdido entre o ensino e a aprendizagem*. Para ele não podemos abordar o tema do ensino e da aprendizagem de matemática sem nos perguntarmos, ao mesmo tempo, o que é, em que consiste e para que serve fazer matemática. Essa problemática acontece quando o ensino de matemática se restringe em “passar” aos alunos regras e técnicas, dessa forma a criança não tem o prazer da descoberta, despertando no aluno a indagação do por que termos de estudar matemática, pois o aprendizado perde o seu encanto. Chevallard (2001) afirma que a presença da matemática na escola é uma consequência de sua presença na sociedade e, portanto, as

necessidades matemáticas que surgem na escola deveriam estar subordinadas às necessidades matemáticas da vida em sociedade.

Como educadores precisamos nos atentar para valorizar essa subordinação, pois se por algum motivo ela for invertida, então aparece o que ele chama de *didatite*, que nada mais é que o reducionismo que considera que a única razão pela qual se aprende matemática é porque ela é ensinada na escola.

Nesse trabalho estamos buscando também identificar os *dispositivos didáticos* segundo Chevallard (2001), ou seja, quais os procedimentos presentes no processo didáticos dessas duas realidades, urbana e rural, e como são utilizados para ensinar matemática.

4. Resultados da Pesquisa (Parciais ou Finais)

A pesquisa em questão está sendo desenvolvido na cidade de Laguna Carapã, um município do estado do Mato Grosso do Sul com pouco mais de seis mil habitantes e que teve sua emancipação político-administrativa em 22 de abril de 1992. Por ser considerada uma cidade que tem na agricultura o motor de sua economia, ela tem um número considerável de habitantes na área rural onde estão localizadas escolas que ofertam os anos iniciais do Ensino Fundamental. Em decorrência do pequeno perímetro urbano, possui duas escolas, uma Estadual e outra Municipal. Os alunos oriundos da zona rural em sua grande maioria são encaminhados para continuarem seus estudos na escola mantida pela secretaria municipal de educação.

Estamos no início da pesquisa, porém já há algumas evidências a serem consideradas. As professoras que lecionam na escola urbana observam que existem dificuldades de aprendizado por parte dos alunos que vem da escola rural decorrentes de ausência de conceitos que são tratados na escola como pré-requisitos, isto é, são saberes que o aluno já deveria ter construído e que propiciariam que ele entendesse e construísse outros conceitos. Uma forma de oportunizar que eles aprendessem tais conteúdos seria realizar atividades de ensino com os mesmos no período contra turno. Isso, entretanto tem sem mostrado ineficiente porque o aluno que reside na zona rural não possui condições de permanecer na escola outro turno senão aquele em que ocorrem suas aulas regulares. Essa impossibilidade decorre de não haver transporte escolar em horário diferente daquele que o traz para a escola. Há também, segundo as professoras, o agravante de que na rotina diária

desse aluno, o mesmo ainda precisa trabalhar nas fazendas em que moram e assim eles mostram-se sempre mais cansados em comparação com os que habitam a zona urbana. Um terceiro fator de desgaste diz respeito ao transporte escolar. Como as distâncias são relativamente grandes entre a escola e as fazendas, o aluno sai muito cedo de sua casa e retorna tarde.

As mães dos alunos geralmente são bem participativas nos compromissos escolares. São as que menos faltam nas reuniões e elas utilizam o mesmo transporte dos filhos para se deslocarem para a escola.

Assim o que se observa de início são alunos que no começo do ano letivo estão tomados de entusiasmo e expectativas, e que no transcorrer dos dias vão sendo tomados por um desânimo e cansaço que acaba culminando com a reprovação. Isso faz com que no ano seguinte muitos deles não voltem mais à escola. Esses alunos fazem parte da triste estatística quanto à evasão de alunos no sexto ano do ensino fundamental, que continuam nas áreas rurais onde sem estudo sua mão de obra não é valorizada. A esse respeito Silva (2008) registra que

No Brasil, apesar de uma década de considerável melhoria no tocante ao acesso à escolarização, em que 96% das crianças de 7 a 14 anos estão matriculadas, ainda permanecem os problemas da baixa qualidade e eficiência dos sistemas de ensino. Nesta perspectiva, uma das restrições para o alcance da universalização com qualidade e o aumento dos índices de conclusão do ensino fundamental encontra-se relacionada à efetividade da educação presente no meio rural brasileiro (Bof, 2006). É no meio rural que encontramos os mais baixos índices de escolaridade de toda sociedade brasileira. Um meio rural que, segundo os dados divulgados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem uma população residente de aproximadamente 32 milhões de brasileiros. Ou seja, que apesar da intensa urbanização ocorrida nas últimas décadas, cerca de um quinto da população do nosso país encontra-se vivendo no meio rural.

SILVA (2008, p. 105)

Isso mostra a necessidade de entender melhor a dinâmica presente na transição da escola rural para a escola urbana, pois entendemos que a redução de discrepâncias entre ambas vá possibilitar uma redução no índice de evasão.

Importante registrar que a pesquisa está sendo muito bem recebida nas duas escolas (escolhemos uma escola na área rural, que oferece as séries iniciais. E outra na área urbana). As professoras propuseram-se a ajudar na pesquisa com sua experiência em sala de aula. Isso mostra, por parte dos docentes das escolas, a vontade de mudar essa triste realidade. Outro aspecto que também vale a destacar é a expectativa por parte das escolas

de que a pesquisa possa lançar alguma luz sobre o problema e contribuir para que os sujeitos envolvidos nessa realidade possam implementar mudanças.

5. Referências

CHEVALLARD, Y.; BOSCH, M.; GASCÓN, J. *Estudar Matemáticas: o elo perdido entre o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre, Artmed Editora, 2001.

GALIZZI, Maria do Carmo & MORAES, Roque. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí. Editora UNIJUI 2011.

GARNICA, Antônio Vicente M. & MARTINS, Maria Ednéia. *Educação e Educação Matemática em escolas rurais do Oeste Paulista: um olhar histórico*. ZETETIKE – Cempem – FE – Unicamp – v. 14 – n. 25 – jan./jun. – 2006.

MELLOUKI, M’Hammed & GAUTHIER, Clermont. *O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, interprete e crítico*. Educação e Sociedade. Campinas. Vol.25, p.537-571, mai/ago 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

SILVA, Lourdes Helena da. *Conferências: Educação do Campo e Pedagogia da Alternância. A experiência brasileira*. Sísifo – Revista de Ciências da Educação. Nº 05 – jan/abr 2008 – issn 1646-4990 – Universidade de Lisboa